

O ministro dos Transportes receberá nos próximos dias uma missão do Banco Mundial. Ele pedirá dinheiro para financiar seu sonho: um trem que faça o percurso Rio-São Paulo em três horas. O pesadelo do ministro: a questão da dívida externa está atrasando o projeto.



Dólares do Bird para o nosso trem-bala?

O trem-bala é um dos assuntos que o ministro dos Transportes, José Reynaldo Tavares, vai discutir com a missão do Banco Mundial (Bird) que chega ao Brasil nos próximos dias. Um trem de alta velocidade, fazendo a viagem Rio-São Paulo em apenas três horas, é o sonho do ministro, que prevê para um futuro próximo a impossibilidade de o sistema atual atender ao crescente número de passageiros do percurso entre as duas capitais. E seu pesadelo é a falta de definição sobre a conversão da dívida externa em investimentos, fato que, segundo ele, está bloqueando qualquer negociação para a implantação do nosso trem-bala. Mesmo assim, José Reynaldo está empenhado em ter logo pronto um estudo sobre a viabilidade econômica do empreendimento, arma com que pretende convencer os investidores privados a participarem do projeto. O estudo seria financiado pelo Bird com US\$ 1 milhão.

Ontem, o ministro dos Transportes lembrou que, além do problema do setor externo, existe também a questão da Constituinte, "já que o investidor tem receio de colocar o seu dinheiro em projetos sem conhecer direito qual é a regra do jogo".

Com o dinheiro do Bird, o ministro contratará uma empresa para fazer um estudo de viabilidade, trabalho que abrangerá a verificação de todo o sistema de transportes que une as duas capitais, incluindo-se o aéreo. De acordo com José Reynaldo, com base em estudos preliminares, dentro de uns 10 ou 15 anos serão necessários aviões saindo a cada cinco minutos para aquela ligação.

Enquanto isso, a indefinição sobre a conversão da dívida é problema também para o governo do Paraná construir a Ferrovia da Produção. Ontem, em Curitiba, a Canadian Pacific Consulting Service, apresentou ao governador Álvaro Dias os resultados do estudo de viabilidade econômica e financeira da ferrovia, que deverá ligar o extremo Oeste do Estado ao porto de Paranaguá. Os custos apresentados pela Canadian ficaram em US\$ 476 milhões, muito abaixo do previsto pela Vale do Rio Doce, que eram de US\$ 1,5 bilhão.

Uma mulher vai ativar os negócios do Brasil com a China

Bettina Lenci, profissão empresária. Jovem, bonita, simpática, defensora dos princípios da livre iniciativa e convicta de que o Estado deve interferir o mínimo possível na economia, ela espera uma definição mais clara do quadro político para escolher seu partido. E a única mulher empresária a circular, sempre em trajés sóbrios e ele-

gantes, pelos corredores da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e a participar da diretoria do Ciesp (Centro das Indústrias). Essa mesma Bettina Lenci toma posse hoje na presidência da Câmara de Comércio Brasil-China.

Na solenidade, marcada para o meio-dia de hoje na sede da Fiesp, entre as dezenas de convidados ilustres estará o ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Eleita por um colegiado de seis integrantes masculinos — liderados pelo empresário Einar Kok, ex-secretário da Indústria e Comércio do governo Montoro —, Bettina assume a presidência da Câmara com um plano de trabalho definido.

Primeiro, consolidar a atividade da Câmara de Comércio Brasil-China, ou seja, buscando ampliar rapidamente o número de associados — hoje são 50 — que reconheçam as infinitas possibilidades comerciais de um país continental, com um bilhão de habitantes. Depois, promover seminários, palestras e encontros que possam mostrar as similaridades e diferenças entre o Brasil e a China, para que ambos possam reconhecer suas complementaridades. E, a partir daí, implementar o mais rápido possível missões comerciais nos dois sentidos.

Segundo Bettina, o Brasil e a China já assinaram todos os acordos necessários para dar lastro a essa integração. E entende que é possível uma troca de experiências em vários setores, entre os quais o de tecnologia de transportes. É a este setor que pertence a empresária — hoje presidente executiva e do Conselho da Translor S/A, empresa de transporte.

Mãe de quatro filhos, Lia, Toya, Fernanda e Lucas, viúva duas vezes, teve de abandonar seus hobbies mais queridos — fotografia, leitura e cozinhar pratos especiais — para se dedicar aos negócios da família.

Conhecida e bem relacionada na China, Bettina Lenci lembra que o CCPIT — uma espécie de ministério das Relações Exteriores Comerciais da China — reconhece a Câmara e incentiva as iniciativas de aproximação. Ela ressalta que desde 1984 o superávit comercial vem sendo favorável para o Brasil: US\$ 88 milhões em 84, US\$ 400 milhões em 85 e US\$ 240 milhões em 86. Mas Bettina acha isso "pouco demais".

Entretanto, ela não acredita que as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportação) sejam necessárias agora. Ela diz que uma lição importante que aprendeu na China foi a capacidade que tem aquele país de identificar as vocações regionais. E acha que o Brasil está precisando disso. "Lá, eles criaram bolsões agrícolas, mantiveram o homem na terra, desenvolveram o que aqui seria o mercado interno e, só depois, começaram a mandar os excedentes para fora."

Sergio Leopoldo Rodrigues